

# CONSTRUINDO UMA CARTOGRAFIA SONORA DA PORÇÃO NORDESTE DA CIDADE DE DOURADOS (MS): MAPAS COTIDIANOS

Laio Guimarães Freitas  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)  
Bolsista PIBIC/UFGD. E-mail: [la\\_laio@hotmail.com](mailto:la_laio@hotmail.com)

Flaviana Gasparotti Nunes  
Profa. da Universidade Federal da Grande Dourados  
E-mail: [flaviananunes@ufgd.edu.br](mailto:flaviananunes@ufgd.edu.br)

## INTRODUÇÃO

Este texto resulta de um trabalho em nível de Iniciação Científica e insere-se no projeto de pesquisa “Cartografias Sonoras: sons/imagens na dinâmica espacial de Dourados (MS) – possibilidades para o ensino e pesquisa em Geografia”<sup>1</sup> o qual objetiva investigar a participação da diversidade sonora territorializada na constituição da multiplicidade espacial da cidade de Dourados (MS), visando a elaboração de mapas nos quais se articulem sons e imagens que possam contribuir para a produção de novas formas de cartografar a vida cotidiana.

Neste trabalho, em específico, procuramos investigar a diversidade sonora presente na porção nordeste da cidade de Dourados (MS). A pesquisa foi orientada por leituras, análises e debates dos referenciais bibliográficos relacionados ao tema, bem como a identificação das porções (Norte, Sul, Leste e Oeste) da cidade e o mapeamento das escolas existentes na porção nordeste de Dourados, foco deste trabalho.

O trabalho de campo constituiu-se de entrevistas com estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Floriano Viegas Machado, localizada na porção nordeste da cidade. Tais entrevistas trouxeram um conjunto de informações que nos permitiram identificar cinco pontos de referência na cidade, os quais são frequentados pelos entrevistados. O procedimento seguinte foi a captação de imagens e de sons nos cinco locais apontados e, a partir da análise desse material, em diálogo com os referenciais teóricos, elaboramos um mapa sonoro/imagético em forma de vídeo com o intuito de que esse produto didático possa contribuir para o ensino de Geografia, dialogando com a realidade dos interlocutores envolvidos e fomentando o acesso a cartografias atuais nas quais fossem expressas outras partes da multiplicidade e dinâmica no tempo/espaço da cidade de Dourados (MS).

O mapa sonoro/imagético produzido, fruto do trabalho de pesquisa, constitui-se de um ensaio audio-visual que articula experiências sensoriais vividas em perspectiva horizontal, que não podem ser percebidas em uma cartografia representacional na escala vertical. A partir deste entendimento, o mapa elaborado busca fomentar a discussão sobre como são concebidas as leituras, percepções e representações dos mapas utilizados diariamente em sala de aula. A proposta parte da ideia de trazer novas formas de compreender, perceber e se localizar no espaço experimentado no dia-a-dia das pessoas envolvidas, sem descartar a relevância ambiental, social e econômica da cartografia representacional clássica.

---

<sup>1</sup> Projeto financiado pelo CNPq – Edital 043/2013 (Processo 408891/2013-0).

## **REFERENCIAIS TEÓRICOS DA PESQUISA: COMPREENSÕES SOBRE CARTOGRAFIA E SONORIDADES**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino de Geografia procuram estabelecer orientações, reflexões e informações para professores, com o intuito de auxiliar a rede nacional de educação. O PCN compreende a atuação do professor, sua relação com a matéria, a metodologia utilizada e a articulação com as diversas formas de informação e tecnologia disponíveis, a fim de adquirir e orientar os conhecimentos que devem ser compreendidos pelos alunos no decorrer da sua trajetória escolar. De acordo com o texto, ao longo dos anos de estudo no Ensino Fundamental e Médio é desejado que os educandos possam articular as ferramentas teóricas necessárias para assimilar e entender a série de conhecimentos, conceitos, procedimentos e linguagens que envolvem a ciência geográfica:

Seu objetivo é compreender a dinâmica social e espacial, que produz, reproduz e transforma o espaço geográfico nas diversas escalas (local, regional, nacional e mundial). As relações temporais devem ser consideradas tendo em vista a historicidade do espaço, não como enumeração ou descrição de fatos que se esgotam em si mesmos, mas como processo de construção social. (BRASIL, 2006, p.43)

O documento é apresentado como um suporte para os educadores e traz discussões e propostas para desenvolvimento dos projetos educativos, voltado para reflexão sobre a prática pedagógica, ao planejamento, à análise e seleção de materiais didáticos, podendo inclusive utilizar mecanismos tecnológicos que venham a contribuir para a formação do educador e seus educandos. Segundo o documento, o Ensino Fundamental e Médio devem preparar o estudante para compreender, atuar, problematizar e se localizar na realidade na qual está inserido de modo que consiga formular proposições críticas para problemas locais, reconhecendo as dinâmicas existentes no espaço geográfico. A leitura e análise dos PCN aponta objetivos importantes e complexos para formação básica do educando em Geografia de modo que o estudante deve reconhecer e pensar de maneira crítica os espaços, os lugares, e os territórios que vivencia e sente ao longo de sua trajetória. A fim de auxiliar o educando nos processos de aprendizagem, o professor tem a função de articular práticas cotidianas com reflexões teóricas, fundamentando seus argumentos em uma estrutura teórico-metodológica específica das ciências humanas e geográfica:

Portanto, para que os objetivos sejam alcançados, o ensino da Geografia deve fundamentar-se em um corpo teórico-metodológico baseado nos conceitos de natureza, paisagem, espaço, território, região, rede, lugar e ambiente, incorporando também dimensões de análise que contemplam tempo, cultura, sociedade, poder e relações econômicas e sociais e tendo como referência os pressupostos da Geografia como ciência que estuda as formas, os processos, as dinâmicas dos fenômenos que se desenvolvem por meio das relações entre a sociedade e a natureza, constituindo o espaço geográfico. (BRASIL, 2006, p.43)

Nesse sentido, a Geografia pode ser percebida e materializada no cotidiano experimentado pelos alunos e professores. A educação e o ensino necessitam ser pensados e elaborados com a realidade experimentada em sociedade; este movimento

propõe buscar formas de ensino dedicadas ao estímulo do estudante, com a consciência de que o professor também é um aprendiz que, aprende enquanto ensina, porque articula o saber científico sistematizado, com a diversidade de saberes já experimentados e vividos por cada indivíduo da sociedade.

Diante do exposto, podemos repensar as noções de contextos territoriais de maneira a priorizar o estudo e pesquisa em aspectos que expressam sentidos e fenômenos mais próximos dos colaboradores sociais envolvidos. Nessas formas de pensar um território, localização e orientação se relacionam diretamente com os processos de organização social no trabalho, economia, cultura e grupos de interlocutores. A dinâmica da sociedade pode ser re-apresentada em memórias, idéias e sons que são re-transformadas em interpretações da realidade vivida. O “ouvir”, o “olhar” e o “aprender” (OLIVEIRA, 1998) não podem ser encarados como faculdades de ideias totalmente independentes no campo do ensino; ambos complementam-se e podem servir tanto para o pesquisador como para os envolvidos na pesquisa. Nessa relação de conhecer “o que se ouve” e o “que se olha” é desenvolvido o conhecimento.

Através desta articulação, neste trabalho propõe-se uma experimentação na qual sons e imagens de um lugar propiciam outros sentidos de leitura apontando outras formas de cartografar a multiplicidade e a dinâmica no tempo/espaço, especificamente na cidade de Dourados (MS). A partir dessa compreensão, a proposta foi a de estabelecer contato com os grupos e indivíduos que vivem no território e, assim, criar condições para que os mesmos se tornem participantes do processo de inscrição do seu território. Neste sentido, a elaboração de um mapa ganha sentido de construção coletiva, inserindo percepções e representações culturais dos colaboradores da comunidade. A ideia de mapear um território pressupõe representá-lo ou inscrevê-lo de alguma forma em um determinado espaço, criando condições para que a linguagem escrita possa ser transformada em uma linguagem cartográfica e que a mesma dialogue com o resto da sociedade como outra forma de linguagem. Assim, o ato de mapear também envolve a sociedade e suas descrições, percepções e diálogos.

Com as novas tecnologias de informação, com os avanços nas pesquisas científicas e com as transformações no território, o ensino de Geografia torna-se fundamental para a percepção do mundo atual. Os professores devem, portanto, refletir e repensar sua prática e vivências em sala de aula, com a mudança e a incorporação de novos temas no cotidiano escolar. (BRASIL, 2006, p.43)

Desta forma, buscou-se trabalhar com o uso de recursos imagéticos e digitais a fim de gerar reflexões em torno do ensino de Geografia e das Ciências Humanas de forma geral. A composição de ideias sobre espaços, lugares e locais a partir de relações entre homens e tecnologia é alvo de discussões densas nas ciências humanas em geral, sobretudo na última década com grandes investimentos em *commodity's* tecnológicos que circulam no mercado global, ganhando usos peculiares em múltiplas culturas. O barateamento e a expansão das tecnologias de informação, destacando a comunicação móvel, trouxeram profundas transformações nas formas de socialização dentro e fora da sala de aula.

As sociedades, assim como os mapas, estão sujeitos a transformações constantes, reinvenções e ressignificações de sentidos e objetos. Nesse processo de trocas são construídas as identidades e as formas de interação social nas cidades, que estão ligadas à dinamicidade do mundo e seus processos de organização social, deslocamentos, territorializações, localizações, e ressignificações dos espaços. Desta forma, neste trabalho, buscamos pensar em uma cartografia que articule sons e imagens que a

sociedade cria cotidianamente a partir das percepções da própria comunidade procurando refletir sobre a relação entre a diversidade sonoro/espacial e a sociedade da cidade de Dourados. O trabalho procurou analisar os sentidos espaciais, sonoros e imagéticos de locais públicos, escolas e locais de lazer. Nossa compreensão da linguagem cartográfica pauta-se nas ideias de Peixoto (2011, p.159) que expressam com clareza essa proposta para uma cartografia alternativa:

Desde o século XVII, muitos mapas se afastaram dos princípios de razão ou verdade enfeixados nos saberes cartográficos e geográficos sendo mesmo organizados em torno de um princípio de desrazão que foi o elemento essencial de sua organização, construção e disseminação. A sobrevivência desse princípio de desrazão pode ser minimamente explicada se considerarmos que não acontecem na cartografia nem rupturas nem cercamentos da linguagem, ao contrário, a experimentação de linguagens é uma de suas tônicas. Ainda, mesmo que a geografia ou os métodos cartográficos constituíssem modelos racionais para essa escrita, não existiu um consenso a respeito de controles que desclassifiquem ou excluam obras ou sujeitos, ou seja, pode-se dizer que existiam outras razões possíveis. Desse modo, é possível observar, desde o século XVII, a inserção mesma dessa experimentação da desrazão ou de razões outras na cartografia e a possibilidade de inscrição, validação e disseminação do que poderíamos chamar de geografias pessoais e mapas da imaginação.

Acreditamos que a relação entre linguagens artísticas e a cartografia não visa descartar uma em relação à outra, essa conexão pode ser pautada nas especificidades e potencialidades criativas de cada uma, a fim de propor reflexões em torno do ensino de Geografia. A proposta de elaborar uma cartografia alternativa vem da necessidade de estimular a reflexão geográfica em sala de aula a partir de materiais que trabalham com linguagens diversas que nos permitam construir, imaginar, aprender e emancipar, pois:

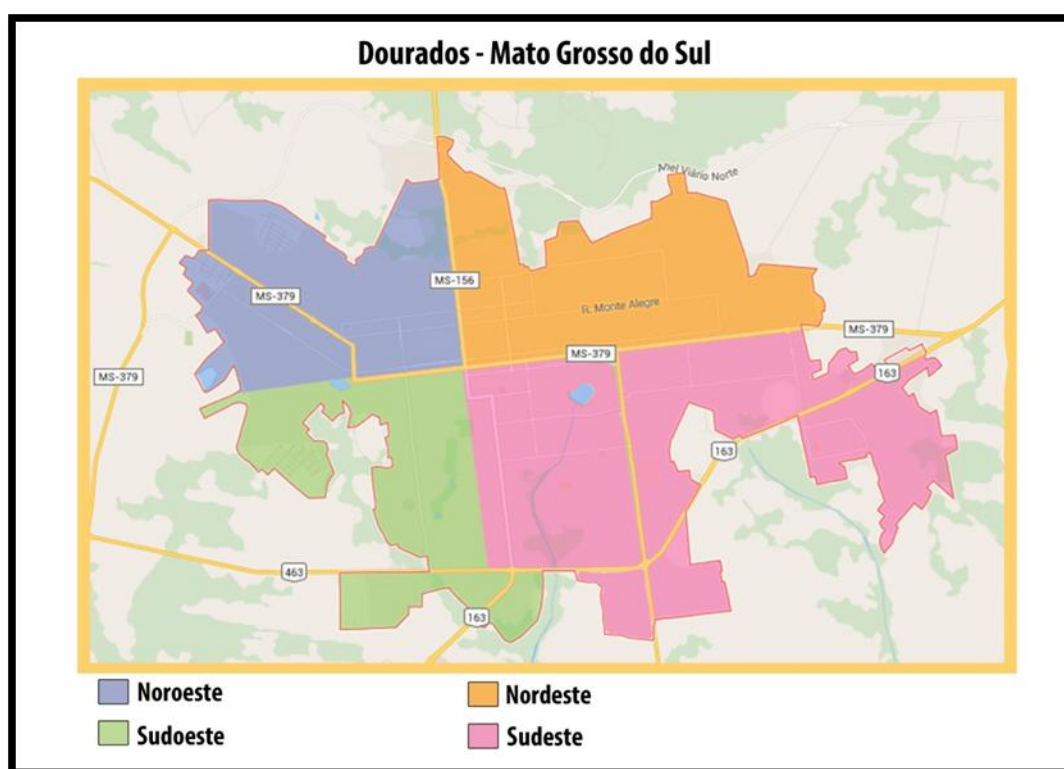
Não existe a princípio, mapas corretos ou incorretos: tal como em qualquer mensagem, em qualquer uma das linguagens conhecidas, sua correção está diretamente vinculada ao cumprimento de seu objetivo. Assim, o mapa estará correto se os fenômenos a serem realçados estiverem corretamente posicionados e mais que isso, permitirem um perfeito entendimento por parte do leitor. Por fim, e com base no que já foi dito, o ensino da Geografia deve ser feito, passo a passo, com a ajuda da cartografia ou, em outras palavras, não é possível alfabetizar-se em Geografia sem o uso de mapas. (SANTOS, 2007, p.16)

A elaboração de cartografias a partir dos sons produzidos pelo ambiente urbano se deu pelo aspecto rígido apresentado na cartografia representacional, hegemonicamente vivida em sala de aula, fundamentada na lógica de reprodução de imagens captadas a partir da perspectiva vertical (MOURA, HERNANDEZ, 2012, p.1). Estabeleceu-se, portanto, uma metodologia de captação sonora e registro de imagens por meio de filmadoras e gravadores especialmente adaptados para esse tipo de atividade. Propôs-se, a partir de Akkerman (2012), uma tipologia de classificação da variedade sonora urbana entre ruído (sonoridade caótica e acima de 50 decibéis) e sons naturais (advindos de corpos ou fenômenos de caráter natural: sonoridade de animais, conversas e ruídos dos corpos humanos, barulho do ar e água em movimento), assim

como sons produzidos ou mediados por aparelhos e maquinários desenvolvidos pelos homens (aparelhos de som, carros, motos, bicicletas, charretes, britadeiras etc.).

Para viabilizar a execução das pesquisas relacionadas ao projeto maior, do qual este trabalho faz parte, dividiu-se a cidade de Dourados (Figura 1) em quatro grandes áreas (nordeste, sudeste, noroeste e sudoeste). Tal cartografia não visa elaborar mapas representacionais, mas parte desses mapas para criar vídeo-cartografias imagético-sonoras que tentam apresentar a multiplicidade de sentidos e vivências espaciais dos diversos corpos e singularidades (DELEUZE, 1992; ULPiano, 2007) que se encontram e constituem esta cidade como lugar (FERRAZ, 2015; SANTOS, 2007; MASSEY, 2008).

Diante desse desafio, optou-se em tentar registrar a sonoridade captada pela perspectiva da horizontalidade, de maneira a instigar olhares e percepções capazes de derivar da cartografia representacional, outras formas de se perceber e ler a dinâmica espacial de um local.



**Figura 1** - Divisão da cidade em quatro grandes áreas  
**Fonte:** Vídeo elaborado

Destacamos aqui, portanto, que não se nega a pertinência da cartografia representacional, mas derivamos dela, partimos dela para experimentar outros caminhos e formas de dar vazão ao sentido dinâmico e múltiplo dos fenômenos enquanto acontecimentos espaciais da vida. (GIRARDI, 2013; SEEMAN, 2012; ALMEIDA, LANZA, 2012; LAMA, 2009).

## **PROCEDIMENTOS DE CAMPO E PRODUÇÃO DO MAPA SONORO/IMAGÉTICO**

Com base nos referenciais e compreensões teóricas anteriormente discutidas, os procedimentos de trabalho de campo e produção cartográfica foram orientados pelo

cronograma estabelecido no plano de trabalho. Com a leitura dos textos, livros e discussões do grupo envolvido no projeto, foi possível ampliar nossa concepção sobre a cartografia e, dessa maneira, ampliar as possibilidades de utilização desse conhecimento cartográfico, como por exemplo, estar atento às características específicas de bairros industriais que contemplam a parte nordeste de Dourados e também seus desdobramentos sociais, psicossociais e geográficos percebidos ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Definiu-se que a Escola Estadual Floriano Viegas Machado seria a escola pesquisada da parte nordeste da cidade de Dourados, utilizando-se como critério, primeiramente, a região na qual se localiza a escola e em segundo lugar, o grau de contato entre acadêmicos pesquisadores da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e a escola estadual e seus respectivos funcionários. A partir do contato com o Projeto Político Pedagógico da escola foi possível identificarmos características como sua missão, visão, corpo docente, organização do Ensino Médio, horários, projetos de ensino e diversas informações necessárias em um programa político pedagógico. Em 2014, no período noturno, a escola oferecia o 9º ano do Ensino Fundamental e os três anos do Ensino Médio com cerca de 250 alunos matriculados. Essas turmas são formadas por crianças, adolescentes e adultos do próprio bairro e de bairros próximos.

A Escola Floriano Viegas Machado está localizada no entorno do bairro Jardim Ouro Verde, próximo às regiões industriais da cidade. A escola contempla diversas camadas sociais, possui atividades em todos os períodos do dia (matutino, vespertino e noturno) distribuídos em salas para o ensino fundamental, médio e cursos técnicos. Observou-se que a escola necessita de reformas estruturais para melhor acomodação dos alunos; são necessários bebedouros e ventiladores, reformas estruturais nas paredes e piso das salas. Foi observado que grande parte dos alunos do período noturno possui emprego fixo e tem atividades durante outros períodos do dia.

Após a identificação e pesquisa do PPP e histórico da escola, iniciamos o contato direto com a instituição de ensino. É importante salientar que já existia um contato prévio com alguns professores e funcionários da escola o qual se deu nos anos de 2013 e 2014 durante o Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Considerando esse contato prévio, optamos em realizar a pesquisa com alunos do Ensino Médio da turma na qual o estágio fora realizado.

A pesquisa iniciou-se com o contato com a professora titular da turma, responsável pela área de Sociologia, que foi esclarecida quanto aos objetivos da pesquisa. Dessa forma, identificamos alguns alunos para convidar a fazer parte da pesquisa, no intuito de que os mesmos nos indicassem locais que frequentam (onde moram, onde usufruem do lazer, passeiam, trabalham, andam), músicas que estão escutando, jogos eletrônicos que mais gostam para que pudéssemos selecionar 5 pontos fixos na porção nordeste da cidade para serem realizadas as gravações de imagens e sons. Foram realizadas entrevistas com 10 alunos do Ensino Médio em 2 momentos diferentes. As entrevistas realizadas em forma de conversa informal foram conduzidas pelas seguintes perguntas: *Nome; Idade; onde reside; onde trabalha; quais locais frequentam para lazer; Meios de locomoção; Músicas que gosta; Trajetos percorridos no dia a dia; Pontos de Referência dos Trajetos; Horários das Atividades diárias*. Os pontos de captação de imagens e sons foram escolhidos conforme entrevistas com alunos das escolas distribuídos por cada área. A presença dos jovens foi essencial para o desenvolvimento do projeto por indicar como ouvem os sons da cidade, se prestam atenção nessas sonoridades, e quais músicas e estilos musicais apreciam, assim como quais locais da cidade se encontram, percorrem, frequentam enquanto atividades de lazer. O uso de recursos áudio visuais também se deu pelo grau de interação dos jovens

com tecnologias da informática, a ideia central permeia o uso das sonoridades dos locais, porém o uso da imagem se mostrou potencializador de sentidos e desta forma não foi descartado. Optamos, assim, por utilizar referenciais sonoros e imagéticos, buscando maior interação dos jovens com o material aqui proposto.

## O MAPA SONORO/IMAGÉTICO DA PORÇÃO NORDESTE DE DOURADOS

A articulação entre as entrevistas com jovens e as filmagens e gravações dos locais por esses jovens vivenciados e percorridos é que permitiu a elaboração do mapa sonoro/imagético ou vídeo-cartográfico. O intuito maior na elaboração deste mapa foi apresentar, por meio de sons e imagens, novos olhares e vivências do espaço urbano e da cidade a partir da mobilidade dos atores sociais envolvidos.

Ao observarmos, de forma multi escalar, em uma perspectiva verticalizada, a região nordeste onde ocorreram as entrevistas (Figura 2), não é possível perceber as multiplicidades de agenciamentos, dinâmicas e tensões que se desenvolvem nesses territórios. Nas horizontalidades, as dinâmicas dos fenômenos se dão de forma mais intensa, diversa, e agenciadas de maneira rizomática. O que elaboramos, enquanto obra audiovisual e texto científico visa ser uma pequena contribuição nesse contexto maior, pois se assume como o acontecer do mundo enquanto lugar por nós e em nós



constituído.

**Figura 2** – Porção Nordeste de Dourados

Fonte: Vídeo elaborado

Nossa experimentação se efetiva em sons e imagens de um lugar na perspectiva de propiciar outros sentidos de leitura espacial, na intenção de apontar outras formas de cartografar a vida cotidiana, em sua multiplicidade e diferencialidade dinâmica no tempo/espaço da cidade de Dourados (MS). Creamos, assim, estimular outros meios de

estabelecer os sentidos espaciais de nosso lugar com o mundo, trabalhando com o conceito geográfico de localização (Figura 3) e o conceito de lugar (Figura 4) explorando os sentidos sonoros e imagéticos vividos na cidade de Dourados.



**Figura 3** – Fotograma do vídeo elaborado



**Figura 4** – Fotograma do vídeo elaborado

Considerando-se, conforme Santos (2007), que a Geografia é um conhecimento que faz uso de diversas linguagens para sistematizar suas mensagens, trabalhar com ensino de Geografia também pressupõe ensinar uma linguagem e, nesse sentido, este vídeo ou mapa sonoro/imagético procura estabelecer diálogo com linguagens cartográficas, imagéticas e sonoras a fim de elaborar mapas que venham a ser utilizados



como ferramentas cognitivas para o ensino em sala de aula e auxílio didático ao professor:

Nesse sentido, podemos ampliar os objetivos do ensino da Geografia. Mais que a simples apropriação da capacidade de ler e sistematizar graficamente o mundo, desvendando sua geofricidade, ensinar Geografia faz parte, na medida em que possui uma linguagem específica, do esforço de disponibilizar ao educando ferramentas que o ajudem a desenvolver-se cognitivamente. Trata-se, portanto, num plano mais geral, de um grande exercício em busca de ferramentas cognitivas que nos permitam olhar e entender o mundo, ultrapassando os limites da simples sensação e atingindo o nível da cognição. (SANTOS, 2007, p. 13)

Sendo assim, acreditamos que o mapa sonoro/imagético resultante da pesquisa, pode contribuir enquanto ferramenta que congrega diferentes linguagens, para desenvolver o exercício cognitivo que a Geografia, enquanto disciplina escolar, possui como um de seus principais objetivos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Visamos com nossas experimentações instigar educandos e professores de Geografia quanto à necessidade de ler por outras perspectivas os múltiplos sentidos espaciais pelos quais a vida acontece. O professor não pode se acomodar ou se contentar com o já fixado pela linguagem cartográfica representacional, por mais necessária que essa forma de perceber o mundo, ela não é suficiente perante a multiplicidade e complexidade da dinâmica escalar dos fenômenos e meios informativos atuais. Para que a leitura geográfica do mundo possa ser exercitada e experimentada pelos alunos e pelos professores, torna-se necessário abrir-se para novas perspectivas, imagens, sons e pensamentos espaciais.

A criação de vídeo-cartografias, as quais articulam sons e imagens, é mais que uma opção de perspectiva epistemológica para o desenvolvimento do pensamento geográfico em sala de aula, é uma postura política, a fim de contribuir para a elaboração de novas maneiras de ver a Terra, de se pensar e trabalhar com o ensino, de imaginar a geografia no mundo (FERRAZ, 2010; SANTOS, 2007), enfim, de criar outros sentidos para o próprio pensamento como um todo.

Neste texto, procuramos apresentar algumas considerações sobre essas novas perspectivas da linguagem cartográfica de maneira a melhor fundamentar a vídeo-cartografia da cidade de Dourados que elaboramos a partir da área a ser pesquisada por nós. Como desdobramento de nossa pesquisa, poder-se-á comparar e relacionar com os dados das demais pesquisas vinculadas ao projeto articulador na direção de pontuar a participação da diversidade sonora territorializada na constituição da multiplicidade espacial da cidade, visando a elaboração de mapas sonoros (vídeo-cartográficos) para contribuir com a produção de outras formas de cartografar a vida cotidiana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKKERMAN, D. **Mapeamento da poluição sonora**. Revista Infraestrutura, N. 21, nov. 2012
- ALMEIDA, C. G. F.; LANZA, R. **Deriva cartográfica: ação-paixão-participação**. Campinas, SP: 2012. [www.geoimagens.net](http://www.geoimagens.net) .
- BRASIL, Ministério da Educação – MEC, Secretaria de Educação Média e Tecnológica– SEMTEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1998 - 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992
- FERRAZ, C. B. O. Entre-Lugar: apresentação. **Entre-Lugar**. Dourados (MS): Editora da UFGD, ano 1, n. 1, p. 15-31, 2010.
- \_\_\_\_\_. Nietzsche Corpo/Espaço: do cinema para as geografias. In: AZEVEDO, A. F., RAMIREZ, R. C.; OLIVEIRA JR., W. M. (orgs.). **Intervalo I: entre geografias e cinemas**. Braga (PT): UMDGEO - Departamento de Geografia, Universidade do Minho, 2015, p. 65-96. Livro eletrônico: <http://hdl.handle.net/1822/35539>.
- GIRARDI, Giseli; LIMA, Ludovico M.; ARANHA, Lorena M.; VARGAS, André A. Mapa(S) de um trabalho de cidade. In: FERRAZ, Cláudio Benito O.; NUNES, Flaviana G. (Orgs.). **Imagens, Geografias e Educação: intenções, dispersões e articulações**. Dourados (MS): Editora da UFGD, 2013, p. 283-302.
- LAMA, José P. La avispa y la orquídea hacen mapa en el seno de un rizoma. Cartografía y máquinas, releendo a Deleuze y Guattari. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 121-145, set./dez. 2009.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MOURA, Carla B.; HERNANDEZ, Adriane. Cartografia como método de pesquisa em arte. In: **Seminário de História da Arte** - Centro de Artes - UFPel, Vol. 2, No 1 (2012). <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/1694/0> Acessado em 12/04/2013.
- PEIXOTO, Renato Amado. **Cartografias Imaginárias: estudos sobre a construção da história do espaço nacional brasileiro e a relação História e Espaço**. Natal: EDUFRN, 2011.
- SANTOS, Douglas. A reinvenção do espaço. São Paulo: Unesp, 2002.
- SANTOS, Douglas. O que é geografia? 2007. Inédito. Apostilado
- SEEMANN, J. **Símbolos como pontes: repensando a linguagem cartográfica no ensino básico e superior no Brasil**. Crato, CE : 2012. [www.geoimagens.net](http://www.geoimagens.net) .
- SEEMANN, Jörn. Subvertendo a cartografia escolar no Brasil. **Geografares**, n.12, p.138-174, 2012.
- ULPIANO, Cláudio. Uma nova imagem do pensamento. In: BRUNO, Mario; QUEIROZ, André; CHRIST, Isabelle (Orgs.). **Pensar de outra maneira a partir de Cláudio Ulpiano**. Rio de Janeiro: Pazulin, 2007, p. 227-229.